

Reflexões sobre o feminino a partir Lou Andreas-Salomé

Reflections on feminine from Lou Andreas-Salomé's work

Riflessioni sul femminile nel pensiero di Lou Andreas-Salomé

Anna Maria Lorenzoni¹

Recebido em: 13/07/2020

Aprovado em: 22/10/2020

Resumo: O presente artigo é um convite para refletir sobre a questão do feminino a partir de um recorte da inspiradora vida-pensamento de Lou Andreas-Salomé, mais especificamente aquela encontrada no ensaio *Das Mensch als Weib* [O humano como mulher], de 1899. Elaborada de maneira especulativa, a temática da investigação pode ser definida como a natureza da felicidade feminina, cujos pressupostos teóricos se encontram na distinção fundamental entre os sexos, isto é, na distinção entre dois modos de existência diversos. A autonomia do elemento feminino sobre o elemento masculino é explorada pela autora a partir de quatro aspectos complementares: no âmbito celular; no campo psíquico das potencialidades criativas; nas pulsões sexuais; e, finalmente, no campo psíquico das produções artísticas. Apesar de um de seus objetivos ser explicitamente demonstrar a superioridade existencial do feminino sobre o masculino, no texto de Andreas-Salomé a demarcação da diferença entre os sexos serve a um propósito ainda mais elevado. O caminho que leva à diferenciação do masculino com relação ao feminino, para a autora, é o mesmo caminho que leva ao reconhecimento do feminino consigo mesmo, em tudo aquilo que lhe cabe e lhe potencializa. Distinguir-se do masculino é o primeiro passo para o feminino conhecer-se a si mesmo e, portanto, viver livremente em sua plenitude existencial, ou, dito de outro modo, cumprir um propósito ético por excelência: ser feliz.

Palavras-chave: Diferença entre os sexos; Ética da existência; Mulheres filósofas.

Abstract: This article is an invitation to reflect on the feminine question based on the inspiring life and thought of Lou Andreas-Salomé, more specifically that one found in the 1899 essay *Das Mensch als Weib* [The Human Being as Woman]. Elaborated in a speculative way, the research theme can be defined as the nature of feminine happiness, whose theoretical assumptions are found in the fundamental distinction between the sexes, that is, between two different modes of life. Feminine element autonomy over male element is explored by the author from four complementary aspects: at the cellular level; in the psychic field of creative potentialities; in sexual drives; and, finally, in the psychic field of artistic productions. Although one of its objectives is to explicitly demonstrate the existential superiority of the feminine over the masculine, in Andreas-Salomé's text demarcation of the difference between the sexes serves an even higher purpose. The path that leads to the differentiation of the masculine in relation to the feminine, for the author, is the same path that leads to the recognition of the feminine with oneself, comprised everything that fits and enhances it. Distinguishing oneself from the masculine is the first step for the feminine to know itself and, therefore, to live freely in its existential plenitude, or, to put it another way, to fulfill an ethical purpose par excellence: to be happy.

Keywords: Difference between sexes; Existential ethics; Women in philosophy.

Riassunto: Il presente articolo vuol essere un invito alla riflessione sulla questione del femminile a partire da un'attenzione specifica alla vita e al pensiero ispiratore di Lou Andreas-Salomé, in particolare rispetto a quanto incontriamo nel saggio del 1899 *Das Mensch als Weib* [L'Umano come donna]. Affrontata da un punto di vista speculativo, la tematica della ricerca può essere indicata nella felicità femminile, i cui presupposti teorici si basano sulla fondamentale distinzione tra i sessi, ossia sulla distinzione tra due modi differenti di esistenza. L'autonomia dell'elemento femminile rispetto a quello maschile è indagata dall'autrice a partire da quattro aspetti complementari: nell'ambito cellulare; nel campo psichico delle potenzialità creative; nelle pulsioni

¹ Doutora em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Contato: annamlorenzoni@gmail.com / <http://orcid.org/0000-0003-2006-0652>.

sexuais; e, per ultimo, nella sfera psichica delle produzioni artistiche. Nonostante il fatto che uno dei suoi obiettivi sia esplicitamente quello di dimostrare la superiorità esistenziale del femminile rispetto al maschile, nel testo di Andreas-Salomé la differenza tra i sessi è utilizzata per un proposito ancora più elevato. Il cammino che porta alla differenziazione del maschile dal femminile, secondo l'autrice, è il medesimo cammino che conduce al riconoscimento del femminile con se stesso, in tutto quanto gli pertiene e lo potenzializza. Distingersi dal maschile è il primo passo del femminile per conoscere se e, dunque, per vivere liberamente la propria pienezza esistenziale o, detto in altri termini, raggiungere l'obiettivo etico per eccellenza: essere felici.

Parole chiave: Differenza tra i sessi; Etica dell'esistenza; Filosofia femminile.

Lou Andreas-Salomé: pensadora

“Não se poderá dizer dela que fosse um anjo de rapina, pois dissecava meticulosamente, em vez de dilacerar”, é assim que o enciclopedista francês Anatole de Monzie (1876-1947) apresenta Lou Andreas-Salomé (1861-1937), “rapariga de ciência, que devia fazer carreira, indo de Paul Reé a Sigmund Freud – da psicologia inglesa à psicanálise vienense – mas que pelo caminho arrastou Nietzsche e depois atraiu J. Maria Rilke” (MONZIE, 2016 [1942], p. 85). Em vez de fornecer elementos que efetivamente poderiam contribuir para clarificações sobre a relação da escritora russa com o filósofo alemão, essa descrição da “mulher a quem Nietzsche amou”, serve como um exemplo lapidar do impacto que a figura de Andreas-Salomé causou (e ainda causa) em mentes pouco habituadas a modos de vida e de pensamento livres – sobretudo se essa vida e esse pensamento pertencem a uma mulher. Mas não é apenas uma questão cultural ou moral que impõe limites àqueles que buscam se aproximar de sua obra.

Mencionar as relações interpessoais de Andreas-Salomé com grandes figuras intelectuais de seu tempo, mais do que um curioso detalhe biográfico, revela como essa profícua escritora transitou, com seu legado bibliográfico, entre diversas áreas do conhecimento. É precisamente sua polivalência intelectual que parece contribuir para a timidez com a qual são feitas tentativas de análises mais sistemáticas de suas obras – timidez que se reflete também na escassez de estudos acerca da escritora, sobretudo em língua portuguesa – e que impede, ou ao menos torna inadequado, enquadrá-la em uma categoria específica das divisões formais do conhecimento. Nesse sentido, se as relações de Andreas-Salomé com Nietzsche, Rilke e Freud – para nos concentrarmos nas mais célebres – têm algo a nos dizer, é que a pensadora soube transitar com maestria pelos territórios da filosofia, da literatura e da psicanálise, num período histórico no qual as especializações de disciplinas tornavam-se cada vez mais evidentes.

Pensadora. Eis a qualificação à qual nos deteremos aqui. O livre pensamento de Andreas-Salomé encontrou em Nietzsche e em sua especulação a partir do eu uma motivação

filosófica comum para questões fundamentais com a qual dialogar; mas Rilke e sua expressão poética serviram-lhe para coroar a profundidade e a sensibilidade com as quais exprimir sua visão de mundo; ao passo que Freud e a psicanálise foram os interlocutores finais que, com seu método e rigor científicos, “devolveram o corpo à filosofia” (Cf. PEREIRA, 2016, p. 64). Não obstante determinadas expectativas em contrário, Andreas-Salomé não se tornou uma discípula fiel de nenhum de seus interlocutores². Se, porém, tivéssemos que indicar uma grande figura orientadora que a acompanhou durante todo seu percurso intelectual e que nos ajudasse a inseri-la em algum contexto teórico específico, teríamos que considerar apenas um homem: Baruch de Spinoza³.

O filósofo dos afetos reconhecidamente ocupou um espaço privilegiado em toda a vida da pensadora: “quando pensamos em um ponto qualquer de maneira suficientemente detida e correta, deparamo-nos com ele; nós o encontramos no caminho, à espera e disposto, como ele sempre está lá” (ANDREAS-SALOMÉ, 2018 [1912/13], p. 280). E devido a essa presença é possível assegurar que, junto a Spinoza, a filosofia foi uma constante na vida-pensamento de Andreas-Salomé, seja como fundamento teórico de seus estudos, seja como postura frente ao mundo. Daí a sua motivação para colocar sob suspeita até mesmo os condicionamentos mais imperialistas de sua família, da civilização ocidental, de seus próprios círculos de convivência; daí o ímpeto para se tornar escritora, ter autonomia financeira para poder se manter e viajar, experimentar e conhecer o mundo. A filosofia é exalada inclusive nas páginas autobiográficas da pensadora que, em vez de se guiar por uma linha cronológica, explana sua vida a partir de temáticas existenciais e tipos de experiências, ora relacionadas a um encontro, ora relacionadas a uma relação (Cf. ANDREAS-SALOMÉ, 1975).

A postura filosófica de Andreas-Salomé fez com que anedotas aparentemente

² Nietzsche confessou-lhe explicitamente a pretensão para que Andreas-Salomé se tornasse sua discípula: “Gostaria tanto de poder trabalhar e estudar logo algo com você e preparar em função disso belas coisas [...] Você sabe de qualquer modo que eu gostaria de ser o seu mestre, indicar o caminho que leva à produção científica, não?” (Carta de Nietzsche a Andreas-Salomé, 18 de junho de 1882 – ANDREAS-SALOMÉ; NIETZSCHE, 2019, p. 35). Rilke, contrariamente, apoiava-se na pensadora como a uma mãe, e admitia sentir-se pequeno com respeito a ela: “Odiei-te porque eras *grande* demais. Desta feita *eu* queria ser o homem rico que presenteia, que convida, senhor soberano, queria que tu viesses e, induzida pelo meu zelo e pelo meu amor, te entregasses à minha hospitalidade. E agora, diante de ti, novamente nada mais fui do que o mais humilde mendigo, relegado à última soleira do teu ser que repousa sobre colunas tão sólidas e de tão grandes dimensões” (Zoppot, 6 de julho de 1898 – RILKE, 2011, n.p). Quanto a Freud, embora o psicanalista visse em Andreas-Salomé a figura de uma discípula admiradora de seu trabalho, reconheceu-a também como uma “discípula herege”, capaz de divergir sem se opor irreconciliavelmente com o “mestre”: “Não posso acreditar que haja qualquer perigo de a senhora entender mal qualquer de nossos argumentos. Se isso acontecesse seria por nossa, neste caso minha, culpa. Afinal, a senhora é uma ‘entendedor’ *par excellence*. E, além disso, seu comentário é uma ampliação e um melhoramento do original” (Carta de Freud a Andreas-Salomé, 25 de maio de 1916 – ANDREAS-SALOMÉ; FREUD, 1975, p. 65).

³ Em seu diário, encontra-se a seguinte passagem sobre o filósofo: “Mas para mim é belo o fato de que o único pensador com o qual eu – quase ainda uma criança – já possuía uma íntima relação, uma relação pressentida e que se assemelhava à adoração, me reencontre aqui, e que ele seja o filósofo da psicanálise” (ANDREAS-SALOMÉ, 2018 [1912/13], p. 280).

insignificantes e estritamente pessoais, em seu discurso, assumissem um valor de testemunho, de experiência de felicidade, que só são possíveis por meio de um longo trabalho sobre si mesma, sobre as sensações, sobre os pensamentos. Esse trabalho filosófico se refletiu em seus estudos, suas relações, seus amores, em um constante reconhecimento junto ao outro, ao mundo, ao existente. Conhecer sua vida, portanto, é sinônimo de conhecer seu pensamento, sua filosofia. Precisamente por isso, se tratando de Lou Andreas-Salomé, talvez seja mais adequado falarmos não de um pensamento, mas de uma vida pensante ou de um discurso vivente. Sobre a liberdade. Sobre ser mulher.

O humano como mulher

É notório que os escritos de Andreas-Salomé reconhecidamente causam impacto em seus leitores devido à sua preciosa intensidade e imediato prazer de leitura (Cf. degli ESPOSTI, 1997). Entretanto, no que se refere aos seus ensaios que tratam especialmente da temática do feminino, da diferença entre os sexos, do amor e da questão erótica, pode-se afirmar que, mais do que comentários mais ou menos analíticos a seu respeito, eles de fato levam a um silêncio recolhido e à meditação sobre esse modo de existência. Tendo isso em vista, o presente artigo é um convite para pensar a temática do feminino a partir dessa autora que escreve sem reservas, por exemplo, que está apaixonada pelas obras que cita em seus escritos e que elas a deixam feliz. Num discurso, no qual comumente se espera que a subjetividade daquele que escreve seja escondida, a subjetividade de Andreas-Salomé encarna-se em um estilo poético, metafórico e imaginativo que nem sempre segue um andamento lógico e linear, levando a uma recursiva multiplicação de figurações.

Seus ensaios sobre o tipo mulher evidenciam como, para Andreas-Salomé, esse modo de ser e de pensar é fator indissociável de sua condição feminina. Neste espaço, nos concentraremos em *Das Mensch als Weib* (1899)⁴, no qual encontramos uma concepção de “feminino” que se contrapõe ao “masculino”, como dois modos de existência distintos. Escrito aos 38 anos de idade e, portanto, 12 anos antes de sua incursão na psicanálise, a temática da investigação pode ser definida como a natureza da felicidade feminina – algo que seria possível apenas ao se conseguir dar forma à própria liberdade. A diferença entre os sexos é tematizada pela autora de maneira especulativa, e esse ensaio foi sua primeira tentativa teórica de fundar a ideia da superioridade feminina sobre o masculino, por meio de sua interpretação do indiferenciado que caracterizaria o feminino e que ostentaria o signo de

⁴ Ainda sem tradução para o português, nos referiremos ao ensaio, em tradução livre, como *O humano como mulher*, tomando como referência a tradução italiana de Giovanna Agabio (2012). Na biografia de Dorian Astor (2015) sobre a escritora, os tradutores brasileiros optaram por nomeá-lo como *A humanidade da mulher* (numa evidente tradução direta da edição francesa da publicação, *L'humanité de la femme*).

autonomia e não de incompletude⁵.

A superioridade do feminino sobre o masculino não se encontra, como se poderia supor, numa perspectiva moral – num antagonismo superficial que validaria quem é “melhor” ou “pior” – mas no fato de que o modo de existência feminino, já em seu desenvolvimento biológico, garantiria à mulher encontrar e desenvolver a felicidade a partir de si mesma, sem a necessidade de elementos externos a si. O feminino e o masculino não seriam, portanto, duas metades que complementaríamos uma à outra, mas dois mundos extraordinários e sempre mais complexos na tarefa de elevar a vida ao seu desenvolvimento mais elevado. Ocorre, entretanto, que o componente masculino é, entre os dois, o mais necessitado de agenciamentos, e apenas nessa sua impossibilidade de autonomia é que residiria a sua assim dita inferioridade.

Na perspectiva de Andreas-Salomé, é como se fosse da própria natureza do ser feminino ser feliz consigo mesmo. Uma felicidade quieta, plena de ar e beleza, de festa e de recolhimento, até mesmo egoísta, pois a fonte de alimentação dessa felicidade se encontraria no interior da própria mulher. A felicidade do tipo mulher, por ser essencialmente diferente do tipo homem, seria inalcançável para este, o qual precisaria se concentrar nas potencialidades exteriores a si, concentrando-se em atividades que o impulsionariam criativamente para fora de si mesmo. A diferença primordial com relação ao sexo masculino e sua relação indissociável com a felicidade da mulher, será uma constante na obra da autora, sendo verificável nos ensaios publicados subsequentemente⁶ a respeito da sexualidade, do tipo mulher e do erotismo, e permanecendo sem alterações até mesmo após seu contato com a psicanálise freudiana.

Ciente das controvérsias em torno de sua postura, Andreas-Salomé antecipa, já no início do ensaio, que “à custa de escandalizar os partidários de qualquer movimento de emancipação da mulher e de tudo o que se passa sob este nome” sustentará que “o elemento feminino, já nas raízes da vida, aparece como o menos desenvolvido, o mais indiferenciado e, precisamente por isso, cumpre com seu propósito primordial” (ANDREAS-SALOMÉ, 2012, n.p – tradução nossa). A autonomia do elemento feminino com relação ao elemento masculino será, então, explorada pela autora sob quatro aspectos distintos, porém

⁵ Como a própria autora mencionará no ensaio, as teorias então em voga interpretavam a diferença primordial entre os sexos como um sinal da passividade do feminino com relação ao masculino. A partir de uma interpretação da fisiologia das células masculinas e femininas (as primeiras sendo células diferenciadas e as segundas sendo células indiferenciadas), essas teorias identificavam, no elemento masculino, aquele que gera a vida, ao passo que o feminino era identificado como o que recebe a vida.

⁶ *Der Menschen als Weib* é o primeiro de uma série de ensaios sobre a temática. Publicados em revistas, os demais são: *Gedanken über das Liebesproblem* in *Neue Deutsche Rundschau*, v. II, 1900; *Zum Typus Weib* in *Imago*, v. III, n. 1, 1914; *«Anale» und «sexual»* in *Imago*, v. IV, n. 5, 1915; *Psychosexualität* in *Zeitschrift für Sexualwissenschaft*, v. IV, 1917; *Narzissmus als Doppelrichtung* in *Imago*, v. VII, n. 4, 1921. Há também um livro publicado sobre o tema: *Die Erotik*, Frankfurt am Main: Literarische Anstalt Rütten & Loening, 1910.

complementares: (i) numa perspectiva fisiológica no âmbito celular; (ii) no campo psíquico das potencialidades criativas; (iii) nas pulsões sexuais; e (iv) no campo psíquico das produções artísticas. Após essa breve explanação, a autora finalmente enfatizará os motivos pelos quais uma possível polêmica se faz necessária: do ponto de vista de uma ética da existência, as mulheres estarão fadadas à infelicidade caso vivam de acordo com o modo de ser masculino.

A começar por uma por (i) uma rápida incursão nas teorias fisiológicas de seu tempo, notadamente a obra *Elementos fundamentais da fisiologia humana*, de Johannes Ranke, Andreas-Salomé sustenta que, já no princípio da vida, a diferença entre os sexos está demarcada nas células que dão origem a cada um deles. Enquanto a célula masculina (espermatozoide) nasce para ser insatisfeita e se coloca sempre novos objetivos, o óvulo feminino se inscreve em um espaço circular, que não vai além de si. Analogamente, o movimento realizado pelo espermatozoide pode ser representado como uma linha que avança ao infinito, enquanto o óvulo aparece como o elemento mais indiferenciado, cujo círculo é o ambiente natural que o rodeia. Tal qual sua célula primordial, a mulher também aparece como um indiferenciado, porque é como se ela nunca tivesse dados os últimos passos para sair de si para as possibilidades da existência da vida, mas também como se ela estivesse unida ao Todo infinito e eterno e profundamente ligada à sua terra de origem.

Como consequência da concepção do feminino como o elemento mais indiferenciado entre os dois sexos, a célula masculina, mais diferenciada, mostra-se como o elemento mais vulnerável e com maior necessidade de “acoplamento” a uma célula externa e estranha a si. Nesse sentido, o elemento feminino não seria, como certas teorias defendiam à época, um apêndice do elemento masculino. Pelo contrário, de um ponto de vista biológico, seria o mais independente entre os dois, sem a necessidade de se diferenciar constantemente, reportando-se a outrem, para poder sobreviver. Entretanto, para Andreas-Salomé, isso não ocorre apenas em um nível fundamentalmente biológico. A tendência ao auto-centramento feminino e à especialização masculina desdobra-se, segundo a autora, em toda a natureza desses dois modos de existência.

Nesse sentido, o contraste fisiológico reverbera (ii) nas energias criativas de ambos os sexos, em uma perspectiva (a) física e em uma perspectiva (b) psíquica. No âmbito da criação física, (a) a experiência materna contempla de maneira mais evidente e típica essa distinção entre a “fertilidade” dos sexos. De um lado, o homem, embora seja a parte mais agressiva e empreendedora, possuiria uma participação apenas parcial e momentânea no inteiro processo reprodutivo. Sua ação consiste, para Andreas-Salomé, em um ato único no qual ele se doa por

inteiro, uma vez que vive uma diferenciação progressiva de todas as suas energias, que tendem a se dispersar em prestações e atividades singulares. A natureza feminina, por seu turno, permanece unitária, firma-se e atenta-se àquilo que, após ter absorvido em si, identificou consigo mesma. Nessa perspectiva, a mulher completa sua criação não com uma atividade singular e específica voltada a uma meta exterior, mas co-crescendo organicamente com aquilo que cria, completando-se em algo que dificilmente ainda se pode chamar de uma ação, uma vez que consiste num emanar e difundir, a partir de sua vida ativa e unitária, uma outra vida, por sua vez, ativa e unitária.

O materno, para Andreas-Salomé, é um símbolo da psique (b) feminina em todas as suas manifestações e âmbitos, pois o ser e o agir, na mulher, estão intimamente conectados. De fato, diferentemente do que ocorre no homem, que procede dividindo-se em uma busca incessante, a psique feminina é reconhecida na voluptuosa perseverança em si mesma. O homem dedica-se altruisticamente a um propósito ao qual busca se unir, diferenciando-se claramente entre aquilo que é e aquilo que faz. Na mulher, em vez disso, ser e agir coincidem a tal ponto que suas ações, realizadas uma após a outra, não passam de um grande involuntário ato de existência. Dito de outro modo, a mulher experimenta a vida sendo aquilo que é, não aquilo que faz. Tal qual uma célula indiferenciada e tal qual uma gestação, a natureza da psique feminina possui uma tendência a permanecer unitária, a deter-se e ater-se àquilo que, após ter absorvido em si, identificou consigo mesma. Assim como na experiência materna, a mulher se mostra como um terreno de nutrição e aquilo que ela carrega consigo, o fruto da sua ação, só é liberado quando se torna um outro ser autônomo, perfeito em si mesmo.

A mulher é um ser humano extremamente físico, muito mais do que homem. Daí que a diferença entre os sexos masculino e feminino representa, para Andreas-Salomé, uma duplicidade também em suas (iii) relações sexuais recíprocas. A vida sexual da mulher, por viver em contato muito mais direto e íntimo com a própria natureza, mais do que uma pulsão isolada, se manifestaria em todo o seu ser físico, permeando-a e animando-a por completo. O homem, por seu turno, teria sua sexualidade satisfeita de maneira embrutecida e momentânea, sem nenhum envolvimento sensível do restante de seus sentimentos. Enquanto a satisfação sexual da mulher estaria intimamente ligada à satisfação de todo o restante de seu ser, a satisfação sexual do homem seria uma atividade isolada, mais adequada à sua estrutura fisiológica, de modo que todo o restante parece não estar ligado a ele no ato sexual. A natureza fisiologicamente mais indiferenciada da mulher, asseguraria ao erotismo feminino uma profunda beleza, pois manteria, na mulher, a exigência viva de uma interação íntima e intensa entre todas as pulsões.

Nessa perspectiva, seria possível falar de uma “pureza” da mulher, mas não em um sentido negativo, como equivocadamente ela é julgada. O erotismo feminino, de acordo com Andreas-Salomé, seria mais puro porque a mulher é capaz de vivenciar o amor também fora da experiência sexual. Em vez de uma limitação, essa pureza representaria uma faceta totalmente positiva do feminino, qual seja, a unidade interior, fonte de felicidade, que a mulher possui em seu poder. Ao passo que, no homem, os diversos impulsos da alma e dos sentidos se distanciariam autonomamente, de maneira quase mecânica, em direções cada vez mais diferenciadas, a mulher possuiria um grau mais elevado de independência com relação às pulsões sexuais isoladas e, portanto, uma liberdade maior com relação a tudo aquilo que se encontra fora do seu ser. Sendo assim, por exprimir constantemente a riqueza de sua estrutura sexual em todo o seu ser, a mulher vivenciaria o erótico de modo diverso – em seu corpo e em sua psique.

A indissociabilidade entre estrutura sexual e física, no feminino, reverberará finalmente na diversidade das (iv) criações artísticas do homem e da mulher. A esse respeito, Andreas-Salomé provoca a refletir sobre as consequências do silêncio artístico ao qual as mulheres foram historicamente estrangidas. Para a autora, se houvessem mais artistas entre as mulheres sãs, muitas doenças ou distúrbios psíquicos que acometem as mulheres já teriam sido parcial ou totalmente esclarecidos. Ocorre, entretanto, que esses desequilíbrios são revelados quase exclusivamente a médicos e fisiólogos, sendo pouco tematizados entre poetizas e artistas em geral – diferente do que ocorre entre as produções artísticas masculinas. Andreas-Salomé tem a convicção de que as mulheres precisam produzir mais arte sobre si e para si, de modo a ampliar o campo de conhecimento que existe a respeito das próprias mulheres.

Evocar o espírito artístico como uma das chaves para compreender e valorizar a conexão entre a estrutura sexual e psíquica da mulher não significa, porém, excluir totalmente os homens desse processo, ignorando suas contribuições artísticas. Andreas-Salomé observa que, para compreender a mulher, ainda é preciso lançar o olhar para as obras dos artistas homens, e isso não só porque, como mencionado acima, as mulheres ainda produzem poucas obras sobre si e para si. No campo artístico há, segundo a autora, um ponto de convergência entre o feminino e o masculino. Não por acaso, segundo ela, artistas do sexo masculino teriam características reconhecidamente femininas, sendo comumente “acusados” de possuírem traços afeminados. Isso significaria que, assim como as mulheres, os artistas homens seriam menos padrões de suas próprias capacidades e de seus estados de ânimo, sendo, portanto, mais sensíveis e influenciáveis por aquilo que, na base de todos os pensamentos e impulsos da

vontade, aciona obscuramente a natureza e eleva suas obras acima de si mesmos.

Por mais que sejam parecidos, contudo, o artista e a mulher se diferenciam em um ponto fundamental, qual seja, o fruto de sua criatividade. Segundo Andreas-Salomé, somente no artista o poder de criação espiritual está aliado à capacidade prática (que a autora chama de “viril”) de efetivamente criar uma obra a partir de sua vivência. Dito de outro modo, o pressuposto natural da mulher, tão semelhante ao do artista, é apenas um modo próprio de existência, mas não uma capacidade de criar obras que facilmente se tornam objetos deslocados de seu ponto de origem. O artista e a mulher possuem metas completamente distintas. No primeiro, a causa motriz de sua atividade espiritual é a criação de um objeto autônomo; na segunda, os impulsos artísticos mais primitivos vêm à superfície do seu ser, mas são constantemente absorvidos pelo fluxo de sua vida psíquica, ambos, impulsos e vida psíquica comunicam-se ardentemente, mas não encontram uma via de saída particular como ocorre no artista.

Centrada em si mesma, uma mulher que concentra energia na criação de algo externo a si mesma estaria, na perspectiva de Andreas-Salomé, distanciando-se de sua própria essência, de seu modo concreto de existir. É como se, na mulher, tudo tivesse que implodir para fundir-se à vida, em vez de explodir ao exterior. Prisioneira de sua própria perfeição, é como se, na mulher, a vida girasse em torno de si mesma, e dela não pudesse sair sem feridas ou alterações.

Comentários finais

Alguns poderiam argumentar, não sem razão, que as especulações de Andreas-Salomé, especialmente aquelas baseadas em caracterizações fisiológicas, estariam equivocadas ou que não passariam de interpretações ligeiras e superficiais da biologia corrente (Cf. BRINKER-GABLER, 2012, p. 19-51). A escritora, entretanto, parece fazer uso desses dados mais como uma espécie de metáfora que lhe ajuda a não excluir a corporeidade, na sua matriz estritamente fisiológica, do discurso que ela deseja traçar sobre a relação entre os campos psíquico e físico da existência. Além disso, apesar de um de seus objetivos ser explicitamente demonstrar a superioridade existencial do feminino sobre o masculino – argumento importante e talvez necessário a ser defendido numa época cujas ideias dominantes afirmavam precisamente o contrário –, nota-se que a demarcação da diferença entre os sexos serve a um propósito ainda mais elevado.

Distinguir-se do masculino é o primeiro passo para o feminino conhecer-se a si mesmo e, portanto, viver livremente em sua plenitude existencial, ou, dito de outro modo, ser feliz – um propósito ético por excelência. De acordo com Andreas-Salomé, enquanto as mulheres

não “se compreenderem com o maior empenho e com a maior seriedade possível na sua diversidade com relação ao homem, especialmente nesta”, enquanto não utilizarem os mínimos indícios, seja de seus corpos, seja de suas almas, “nunca saberão com quanta amplitude e com quanta força podem se expandir em virtude da estrutura própria de seu ser, nunca saberão quão vastos são, de fato, os confins de seus mundos” (ANDREAS-SALOMÉ, 2012, s.p – tradução nossa). O caminho que leva à diferenciação do masculino com relação ao feminino é o mesmo caminho que leva ao reconhecimento do feminino consigo mesmo, em tudo aquilo que lhe cabe e lhe potencializa.

Se essa diferença, como vimos acima, perpassa esferas fisiológicas, psicológicas, eróticas e intelectuais, parece inevitável indagar, a partir disso, como uma mulher pode utilizá-la para potencializar a própria existência. Afinal, essa perspectiva traz consequências a todas as mulheres amantes da filosofia, e aqui tomo a liberdade de refletir na primeira pessoa (feminina) do plural: em que medida os textos que lemos servem para conhecermos a nós mesmas como mulheres? Como mudaria nossa relação com eles, se concebêssemos suas questões a partir da perspectiva de um eu-mulher? Como seriam, por exemplo, as respostas às perguntas kantianas “O que posso saber? O que devo fazer? O que posso esperar? O que é... a *mulher?*”. Como seriam nossos textos, se eles não se prendessem à masculina lógica puramente abstrata e à inclinação de concentrar todos os esforços em um objetivo singular e especializado? Para Andreas-Salomé, também a forma de expressão desse novo conhecimento fugiria ao modo masculino de fazer filosofia.

Segundo a escritora, mesmo que uma mulher desejasse, como um homem, comprometer-se de maneira semelhante com uma obra singular, lhe viria só uma parte, enquanto de outra parte se sentiria ferida e mutilada. Nesse sentido, a competição intelectual e prática, que, em princípio, a mulher pode travar com o homem, o desejar a todo custo provar que é igual a ele em qualquer profissão, e que pode fazer tão bem quanto ele, na verdade, para ela, é uma verdadeira monstruosidade, e a ambição que a deriva é o sentimento mais perigoso que uma mulher pode cultivar. A grandeza natural da mulher consistiria exatamente na ausência de tal ambição, na certeza inabalável de que não precisa dar tal prova para sentir em si, enquanto mulher, a mais nobre legitimação do seu ser. Andreas-Salomé usa a metáfora de uma árvore para retratar essa mulher cósmica, aberta à vida e simultaneamente capaz de imprimir a ela seu ritmo e sua ordem. Ela é o ser que desfruta melhor a existência, dotada da alegria de viver e de um egoísmo que respira vida até o fim. Em suas palavras:

Talvez leis muito antigas tenham determinado à mulher ser semelhante não a uma árvore cujos frutos podem ser colhidos, separados, embalados e expedidos individualmente para servir aos mais variados fins, mas à árvore que simplesmente

existe e vive como uma árvore, no lugar onde se encontra, na totalidade de sua beleza, que floresce, amadurece e produz sombra, sem a necessidade de produzir novos brotos, novas árvores: se eventualmente um vento sacudir o seu topo, ou se um fruto cair por terra devido ao próprio peso, pode até mesmo não ser um fruto verde, mas de sabor bom e doce, entretanto, ainda assim se trata de um fruto caído, que se desprende sem esforço, e não deve significar nada além disso (ANDREAS-SALOMÉ, 2012, n.p - tradução nossa).

Dito de outro modo, para Andreas-Salomé, o modo como a mulher se inscreve na totalidade da vida é organicamente diverso daquele do homem, pois é um modo mais amplo, ardente. A relação da mulher com a vida seria tão íntima a ponto de não ser capaz de distinguir corpo e espírito, vida e pensamento, ser e agir. Por esse motivo, segundo a autora, “a mulher compreende coisas que à razão, enquanto tal, não parecem plausíveis: pode acolher em si e assimilar ao seu organismo muito mais contradições do que o homem, o qual deve primeiro resolvê-las com a teoria para depois compreender a si mesmo” (ANDREAS-SALOMÉ, 2012, s.p – tradução nossa). O fato de não apreender o mundo com a mesma lógica utilizada pelo homem, não faz com que a mulher conheça menos sobre o mesmo, pelo contrário, “a essência da realidade, em última análise, não é nem simples nem lógica, mas antes múltipla e alógica, é uma verdade que assume um eco particular na mulher” (idem). Como uma árvore profundamente enraizada no mundo – e, por causa disso, capaz de se equilibrar com firmeza, elevando-se em direção ao céu –, a mulher, centrada em sua forma circular, pode se expandir apenas segundo uma estrutura de círculos concêntricos, em uma plenitude esférica, consonante à harmonia integral que lhe é característica.

Para Andreas-Salomé, a grandeza natural da mulher consiste precisamente na ausência da ambição masculina de concentrar-se produtivamente em uma obra específica e ignorar o próprio ser. Competir com o homem, buscando imitá-lo em seu modo de agir no mundo, não só contrariaria a essência da mulher, como a mutilaria existencialmente. Daí a relevância ética que a demarcação da diferença entre os sexos desempenha no pensamento de Andreas-Salomé. Saber-se como um modo de existência extraordinário, utilizando escrupulosamente os mínimos indícios de seu corpo e de sua alma, é o primeiro passo para, a partir disso, traçar o próprio caminho para a felicidade, mesmo que esse caminho muitas vezes se mostre mais lento ou dê frutos diversos daquele traçado pelo modo de existência masculino. De fato, há uma outra metáfora utilizada pela autora para ilustrar o modo de agir feminino, uma metáfora que seu amigo Paul Reé já havia atribuído à própria ação de Andreas-Salomé no mundo (Cf. PARDO, 2009, p. 199): a mulher, como um pequeno caracol, desliza vagarosamente pelo mundo, carregando sua pequena casa nas costas. A casa é de sua propriedade e, ao longo do caminho, encontra tudo aquilo que precisa para crescer e se tornar um caracol robusto. Sem muitas vezes se dar conta desse processo, adorna-se, expande-se, eleva e consolida essa

morada que é o seu próprio ser.

Andreas-Salomé ousou ser feliz, e pôde fazer isso porque se reconhecia como mulher e desfrutou de uma liberdade rara para muitas mulheres de seu tempo. Como para um caracol, a liberdade de movimento é fundamental, na perspectiva da autora, para que a mulher possa crescer e aumentar sua potência de vida. Quanto mais livre, mais a mulher é capaz de formar, no âmbito natural de sua própria estrutura, “uma concepção própria de vida, uma própria ética, uma própria pátria” (ANDREAS-SALOMÉ, 2012, s.p – tradução nossa). Em cada encontro de sua existência, a mulher “desenvolve o seu estilo pessoal, que deixa uma marca em tudo aquilo que ela diz, faz, ou que a circunda” (idem). A felicidade da mulher, portanto, está atrelada à sua liberdade, ao seu corpo, à compreensão e apoderamento do ritmo secreto de seu próprio ser, de sua própria vida. Voltar os olhos para a história da filosofia tomando em consideração o conhecimento sobre o feminino e sobre a ética da mulher certamente levaria a reconsiderar muitas das perspectivas estabelecidas pelos filósofos homens. Uma das máximas mais antigas, entretanto, permaneceria (quase) intacta para esse propósito: conhece-te a ti mesma.

Referências

ANDREAS-SALOMÉ, Lou. **Il mito di una donna** [1968]. A cura di Uta Olivieri. Trad. Uta Olivieri. Firenze-Rimini: Guarraldi Editore, 1975.

_____. **L’Umano come donna** [1899]/ **L’Erotismo** [1910]. A cura di Andréa Bella. Trad. de Giovanna Agabio. Milano: Italian Paths of Culture (IPOC), 2012 (e-book).

_____. **Spinoza** [1900]. Trad. Lucas Lazarini Valente. In.: Revista de Filosofia do IFCH da Universidade Estadual de Campinas, v. 2, n. 4, jul./dez. 2018, p. 277-280.

ANDREAS-SALOMÉ, Lou; FREUD, Sigmund. **Correspondência completa**. Trad. Dora Flacksman. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

ANDREAS-SALOMÉ, Lou; NIETZSCHE, Friedrich. **Correspondência e outros documentos**. Trad. Marco Casanova. Rio de Janeiro: Via Verita, 2019.

ASTOR, Dorian. **Lou Andreas-Salomé**. Trad. Julia da Rosa Simões. Porto Alegre, RS: L&PM, 2015 (e-book).

BRINKER-GABLER, Gisela. **Imagine in Outline. Reading Lou Andreas-Salomé**. New York and London: Continuum, 2012.

DEGLI ESPOSTI, Piera. **Prefazione**. In: ANDREAS-SALOMÉ, Lou. **Riflessioni sull’amore**. Roma: Editora Riuniti, 1997.

DE MONZIE, Anatole. Lou Salomé – A mulher a quem Nietzsche amou. **Cadernos Nietzsche**. Guarulhos/Porto Seguro, v. 37, n. 3, p. 84-87, 2016.

PARDO, Pilar García. **Vida y obra de Lou Andreas Salomé**: una aportación al estudio psicoanalítico de la feminidad. 2009. 567 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2009.

PEREIRA, Lara Medeiros Borges. **O diálogo Freud – Lou Andreas-Salomé sobre a feminilidade e o erotismo**. 2016. 139 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2016.

RILKE, Rainer Maria. **O diário de Florença** [1898]. Trad. Marion Fleischer. São Paulo: Nova Alexandria, 2011 (e-book).